

EDITORIAL

O ano de 2022 começa com uma nova variante de Covid-19 que continua matando pessoas, impedindo a plena sociabilidade e aumentando as desigualdades. Os mais ricos enriqueceram-se ainda mais e os mais pobres empobreceram-se ainda mais. O Brasil possui hoje cerca de 14 milhões de desempregados. Essas pessoas sofrem dia e noite. Muitas ficam com baixa autoestima e sérios problemas psicológicos. O desemprego certamente é um problema de economia, mas deveria ser tratado como um problema de saúde pública. No entanto, nenhum político tem preocupação com isso. Esse problema é deixado para o plano individual de cada um, seguindo uma linha tipicamente liberal, pois individualiza um problema que é coletivo.

No Brasil, teremos campanha eleitoral esse ano e certamente nenhum candidato proporá:

- 1) o fim da propriedade privada dos meios de produção, a distribuição igual da riqueza, moradia e comida para todos.
- 2) uma educação libertária, horizontal, autogerida, integral para nossas crianças e adolescentes.
- 3) a criação de mais hospitais e programas de saúde em casa em todos os bairros de modo a prevenir as doenças com acompanhamento contínuo.
- 4) que as fábricas, indústrias, empresas sejam autogeridas por seus trabalhadores e os lucros sejam igualmente distribuídos.
- 5) melhor acolhimento para nossos aposentados que nesse período da vida devem não só ter reconhecimento das suas contribuições bem como melhor atenção com bens para que possam viver melhor.
- 6) o fim das incursões das forças policiais nas favelas e periferias e o consequente assassinato indiscriminado que atinge mais negros e pobres.
- 7) Nenhum candidato proporá o abolicionismo prisional e penal.
- 8) criará instituições para proteção das nossas florestas, matas, fauna, flora e povos indígenas e quilombolas que lá vivem.

- 9) Tomará medidas efetivas contra o racismo, a LGBTQIAP+fobia, o preconceito de classe, o preconceito acadêmico-científico, da estética-produtiva.

A pauta da campanha eleitoral deve girar, infelizmente, em torno de liberação de armas, diminuição dos gastos com aposentados, corrupção no Estado, mais pena para os que desrespeitam as leis. Um ou outro pode até falar em verbas para saúde e educação, mas nenhum deles dirá como devem ser os gastos, nem proporá que em cada sala de aula deve ter um ar condicionado e que em cada escola deve ter uma ou mais piscinas e outras formas de entretenimento para seus alunos lá se sentirem bem. Aliás, nenhum candidato proporá que devemos rever por completo os programas escolares de modo a incluir saberes indígenas e negros e minimizar o saber ocidentalizado.

Nossa Revista Estudos Libertários tem por objetivo defender o que os políticos da esquerda e da direita não farão porque estão absolutamente compromissados com o poder estabelecido, moderno e colonialista, e um com o outro.

Pelo exposto, nossa revista é orgulhosamente decolonial e anarquista e pretendemos arejar o conhecimento com saberes que não são pautas das campanhas eleitorais.

Iniciamos a edição com o artigo “UMA CASA DE SANTO ANARQUISTA: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL E LIBERTÁRIA NAS PRÁTICAS RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS”, de Rafael Garcia Madalen Eiras. O autor pensa as casas de santo e os cultos de matriz africana por uma perspectiva decolonial e libertária, criticando o epistemicídio colonial que caracteriza o Estado moderno, autoritário e racista. Utilizando como principais referenciais teóricos Sam Mbah, I. E. Igariwey e Wallace de Moraes, Eiras compreende o caráter anárquico das casas de santo e propõe um giro epistemológico decolonial em relação ao comunalismo africano, que seria, em suas palavras, um “ponto focal ao permitir uma perspectiva das comunidades africanas tradicionais por um viés anarquista”.

Temos, então, o artigo “VEGANISMO ENQUANTO IMPORTAÇÃO COLONIAL: UM FENÔMENO DE CONSUMO DO CAPITALISMO”, de Martina Davidson. Em seu artigo, e autore estuda o surgimento do conceito de Veganismo em relação ao colonialismo, ao capitalismo, ao racismo, sexismo e à cis-heteronormatividade. Em oposição a uma perspectiva do capitalismo do consumismo, Davidson propõe repensarmos o veganismo “como algo além do consumo: posturas ético políticas antiespecistas e comprometidas com uma visão antiopressão”, em suas palavras.

Em seguida, temos “FILOSOFIA COMO ABERTURA DE CAMINHOS: CONTRIBUIÇÃO AO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO LIBERTÁRIA DO PENSAMENTO, (EN)CRUZANDO PRÁTICAS POLÍTICAS E CONCEITUAIS”, de Yan Gabriel Souza de Oliveira. Neste artigo, o autor relaciona a filosofia yanomami com a perspectiva decolonial e libertária, em vias de se articular uma filosofia “exusíaca”. Dentre seus principais referenciais teóricos, temos Antônio Bispo dos Santos, Isabelle Stengers, Renato Nogueira, Piotr Kropotkin, Wallace de Moraes, Pierre Clastres, Muniz Sodré, Mbah & Igariwey.

Logo após, apresentamos o artigo “CAPOEIRA, UMA EXPERIÊNCIA ANARQUISTA”, de Renata Giovana de Almeida Martielo. A capoeira é analisada juntamente com “a construção de uma sociedade igualitária, livre e justa, através de um projeto que enfrente as colonialidades do saber e do ser”, nas palavras da autora. Integrando a prática da capoeira, são valorizados corpos negros, LGBTIs, excluídos, em defesa de sua autodeterminação e de sua resistência. O artigo apresentado em seguida, “DEIXA FALAR: UMA PROPOSTA QUILOMBISTA”, de Carlos Augusto da Conceição Junior, segue o mesmo raciocínio de seu antecessor, na medida em que compreende a escola de samba enquanto um quilombo. O foco central do artigo é a apresentação da fundação Deixa Falar, que seria a primeira Escola de Samba, fundada por Ismael Silva.

Logo em seguida, temos o artigo “SINDICALISMO E ANARQUISMO: A PERSPECTIVA GOLDMINIANA EM FOCO”, de Nilciana Alves Martins, que analisa o sindicalismo em relação ao anarquismo na perspectiva goldminiana. Seu referencial teórico principal é o artigo “Syndicalism: It’s Theory and Practice”, escrito por Emma Goldman em 1913, em comparação com os pensamentos de Pierre Monatte (1881-1960) e Errico Malatesta (1853-1932).

Em seguida, apresentamos “OS MOSCOSO E VASCONCELOS ENTRE O PRIVADO E O PÚBLICO: A CRÔNICA DE UMA FAMÍLIA LIBERTÁRIA”, de Thiago Lemos Silva. Neste artigo, o autor relaciona a crônica da família libertária Moscoso e Vasconcelos, no Brasil e em Portugal, com a perspectiva de Neno Vasco sobre questões de gênero. Por ser uma família libertária, Silva questiona se os Moscoso e Vasconcelos seguiam a perspectiva de Neno Vasco sobre gênero e família, através das crônicas dos Moscoso e Vasconcelos na imprensa anarquista e operária luso-brasileira, entre 1901 e 1919.

O último artigo deste volume é de autoria de Marcos Lucas Abreu Braga, e intitula-se “A MEMÓRIA DE FRANCISCO FERRER Y GUARDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE OPERÁRIA NA AMAZÔNIA: A REPERCUSSÃO DA MORTE E DAS IDEIAS DO PROFESSOR ESPANHOL ENTRE OS TRABALHADORES DE BELÉM E DE MANAUS NA DÉCADA DE 1910”. O autor analisa os impactos e a memória do assassinato de Francisco Ferrer y Guardia, pedagogo espanhol, durante o movimento operário de Manaus e Belém, que ocorreu na década de 1910. Braga analisa jornais, a imprensa operária, comercial e diária para mapear a memória sobre Ferrer e sobre seu assassinato.

Por fim, apresentamos a tradução do primeiro capítulo do livro *Poésied'unrebelle*, de Isabelle Felici, na versão intitulada “A POESIA DE GIGI DAMIANI DURANTE O PRIMEIRO EXÍLIO NO BRASIL (1897-1919)”. A apresentação do artigo é de autoria de Gabriela Ribeiro e Carlo Romano, e a tradução que segue a apresentação é de autoria de ambos os autores. O artigo de Felici se concentra na poesia de Gigi Damiani, jornalista e anarquista italiano.

Desejamos uma excelente leitura, saúde, anarquia e decolonialidade!

Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 2022

Wallace de Moraes e Cello Latini